

A construção da identidade no Brasil Meridional: italianos na capital do Rio Grande do Sul

Núncia Santoro de Constantino*

Resumo: Emprega-se o modelo desenvolvido por Conzen *et. al.* desde a década de 1980, nos Estados Unidos, para analisar a formação de identidades étnicas. Sabendo-se que o estudo da imigração italiana urbana no extremo sul do Brasil é ainda negligenciado pela historiografia, toma-se em consideração o caso da cidade de Porto Alegre, através da reconstrução da história da coletividade italiana, colocando em evidência a maneira como alguns traços da cultura italiana, transplantados, auxiliaram na integração ao país onde os imigrantes passaram a viver. Se no século XIX entrelaçaram-se os símbolos nacionais italianos aos regionais, ou mesmo aos locais, para a construção desta italianidade, nas últimas décadas tais símbolos foram revitalizados, servindo como sinais diacríticos aos ítalo-brasileiros que retornam à pátria dos seus ancestrais.

Palavras-chave: Imigração urbana. Imigração italiana. Brasil Meridional. Identidade Étnica.

Abstract: In this text, the author applies the analytical model of the formation of ethnic identity, devised in the eighties by Conzen *et. al.* for the United States. Observing that urban immigration in southern Brazil is a chapter still overlooked by the historiography, she examines the case of Porto Alegre, reconstructing the history of the italian community, showing how certain features of Italian culture, such as the capacity to work hard, helped the italians to integrate in the country even in some of the most difficult moments in its history. As far as the ties with the culture of origin are concerned, during the twentieth century the interest in Italy and its symbols was intertwined from time to time by regional and parochial ties. Today there is a renewal of attention for Italianness linked.

Key-words: Urban immigration. Italian immigration. Southern Brazil. Ethnic identity.

Nos últimos anos aprofundou-se a análise dos processos de formação de identidades étnicas, sobretudo em decorrência do uso do conceito de *construção* ou de *invenção*. O pensamento de Barth (1976), por exemplo, vem sendo muito utilizado entre os historiadores,

www.pucsp.br/revistacordis

como eficiente ferramenta à interpretação do complexo fenômeno da etnicidade em grupos de imigrantes de diversas origens e em diversos países.

Importante estudo histórico nesta linha foi desenvolvido nos Estados Unidos por Conzen, durante a década de 1980, estudo que também se destaca pelo caráter pioneiro. É considerado um clássico da historiografia, sobretudo porque ensejou possibilidades de revitalização aos estudos imigratórios, conforme sugeria a própria autora. Conzen então sublinhava aspectos fundamentais à compreensão do fenômeno da etnicidade, afirmando que identidade étnica é uma construção cultural que se realiza em determinado tempo histórico; que grupos étnicos encontram-se em constante recriação; que a etnicidade é sempre reinventada para fazer frente a realidades que mudam; que uma identidade é decorrência do diálogo com a cultura predominante (CONZEN, 1990).

Utilizando tais pressupostos como chaves à interpretação, apresento algumas conclusões de estudo, que vem sendo realizado nas últimas duas décadas, sobre imigrantes italianos em cidades brasileiras, em especial no Estado do Rio Grande do Sul.

A imigração italiana urbana no Brasil meridional foi praticamente esquecida pelos pesquisadores, atraídos pela experiência de colonização, quantitativamente superior e muitíssimo exitosa. Trato, portanto, de historiar a presença dos imigrantes no meio urbano rio-grandense, analisando o caso de Porto Alegre, capital do mais meridional dos estados brasileiros, fronteira com a Argentina e com o Uruguai.

Os naturais do Rio Grande do Sul são chamados “gaúchos”, expressando uma identidade regional que busca elementos no universo rural da campanha, no trabalho das estâncias de gado, no galope de cavalos contra o gelado vento *minuano*; no gaúcho destemido e livre, enrolado no poncho, com chapéu de abas largas e barbicacho, adaga e guaiaca à cintura, “peleando” em outra revolução ou dançando um fandango com a sua “prenda”, que é mulher sem nome e sem rosto.

Assim construímos uma identidade, deixando de fora os milhares de imigrantes, especialmente aqueles que se fixaram na zona urbana e que são os protagonistas principais desta investigação histórica.

Considero de início dois tipos de imigrantes italianos: os que vieram espontaneamente ao Brasil e os que chegaram a fazer parte dos contingentes de colonização oficial para, em momento posterior, mudarem para a cidade. Dentre os espontâneos constato uma grande heterogeneidade; falavam diferentes dialetos, apresentavam usos e costumes muito diversos entre si, praticamente originários de todas as regiões italianas.

Mas, para analisar o processo de construção da identidade entre imigrantes, é necessário historiar a presença dos mesmos em Porto Alegre, considerando vários contextos, como sugere Conzen.

Uma identidade construída

Sabe-se que historiadores escolhem um momento no passado e suas narrativas recuam e avançam. Destaco de início um momento caracterizado por apreensão e insegurança. O Brasil havia declarado guerra aos países do Eixo, em fevereiro de 1942. Trato, portanto, do contexto da Segunda Guerra Mundial.

Não obstante a forma dramática como o tempo do conflito é freqüentemente narrado, sabe-se que os italianos foram tratados com certa “amabilidade”, se comparados aos imigrantes alemães ou a seus descendentes.

Referindo-se à região colonial italiana do Rio Grande do Sul, Giron (1994, p.132-135) esclarece que foram poucos os colonos presos e que nenhum dos conhecidos chefes fascistas foi acusado. Afirma que a penetração do fascismo ocorreu apenas entre a chamada burguesia regional; a maior parte dos imigrantes e descendentes encontrava-se alheia ao movimento e, em consequência, não foi considerada perigosa.

Bertonha (2001, p. 218-223) reforça tal ponto de vista, acreditando que a rede de propaganda e de controle fascista foi bem menos efetiva no Rio Grande do que em São Paulo, pois só desenvolveu-se com a ação de Manfredo Chiostrri, Cônsul Geral em Porto Alegre a partir de 1926.

O tratamento diferenciado e tolerante com relação aos italianos, segundo Cervo (1990), decorre do fato de que o rompimento do Brasil com a Itália foi somente um desvio nas boas relações colaterais, pois faziam uma guerra que era de outros países.

Seintenfus (1990) comprova que as relações ítalo-brasileiras foram historicamente amigáveis e que as autoridades diplomáticas italianas sempre praticaram uma política respeitosa com o Brasil, ao contrário da chancelaria alemã. O autor destaca que os imigrantes italianos nas zonas urbanas, em permanente contato com a maioria luso-brasileira, a quem apresentavam afinidades ou semelhanças culturais, apressaram uma assimilação desejada pelas autoridades brasileiras e rio-grandenses; o mesmo não acontecia com os alemães.

Fato é que, no contexto da Segunda Guerra, os italianos beneficiaram-se da imagem que lhes representava diante da sociedade gaúcha.

Pesquisando jornais de época, verifica-se uma notável quantidade de notícias sobre prisões de alemães ou descendentes, enquanto é difícil encontrar notícia sobre italianos.

www.pucsp.br/revistacordis

A revista mensal “Vida Policial”, por exemplo, na coluna *Cortando as Asas do Nazismo*, publicada nos doze exemplares de 1943, apresenta 147 páginas com notícias sobre a atividade nazista no Estado; apenas uma página é ocupada contra o fascismo, assim mesmo acusando de “propagandista” o médico Gattoni e o Cônsul Barbarisi, na época já expulsos do Brasil. Outra seção, *Astros da Quinta Coluna*, apresenta centenas de fotos de prisioneiros estrangeiros e não encontra-se nome italiano; quanto à galeria fotográfica denominada *Súditos do Eixo*, na totalidade só há nomes de alemães.

Uma identidade em construção

A ação do Presidente do Estado, Doutor Borges de Medeiros, no exercício do poder entre 1898 e 1928, assim como a ação pontual dos líderes da coletividade italiana, revelar-se-iam essenciais aos imigrantes na difícil atmosfera de guerra. Deste modo, foi na cidade que o grupo italiano teve definidas as suas formas de representação, através da ação dos seus líderes que, assim, favoreceram o mesmo grupo.

Argumentando sobre o papel do primeiro mandatário do estado nesse processo, lembra-se os imponentes festejos que marcaram o cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, em 1925. Como parte da festa, inaugurou-se a Exposição Colonial Italiana, quando o Presidente Borges de Medeiros discursou recordando os primeiros colonos, sublinhando que “[...] na repartição da terra riograndense, a colonização italiana foi a menos afortunada [...]”, porque havia recebido “[...] uma região acidentada, onde a natureza montanhosa e selvagem, habitada por nômades primitivos [...]”; mas acrescenta que este seria “[...] o cenário de uma raça forte de colonizadores.” Fez, portanto, um reforço à representação “raça forte de colonizadores”; acentuou a superioridade dos estrangeiros frente aos indígenas “primitivos”. Na ocasião afirmava, também, que as colônias no Rio Grande do Sul sempre estiveram abandonadas, esquecidas pelas autoridades até que, com o advento do regime republicano, tal situação mudara, observando-se uma “prodigiosa expansão” (CINQUANTENARIO..., 1925, p. 413).

Não exagerava ao mencionar o rápido desenvolvimento que se verificara no início do século XX. Costa e De Boni (1984, p. 68) escrevem que Borges de Medeiros foi o responsável pelo melhor período da colonização; ordenou a abertura de estradas e a construção de escolas, favoreceu a ocupação de terras novas, enfim reativou o projeto de colonização. Neste processo contou com o apoio de reconhecidos e prestigiados chefes do grupo italiano, há muito tempo estabelecidos na cidade.

www.pucsp.br/revistacordis

Muito antes dos grandes fluxos imigratórios havia italianos nas cidades. O jovem vêneto Julio Lorenzoni, por exemplo, ao passar por Porto Alegre a caminho do lote colonial, conheceu italianos que recepcionavam conterrâneos na Hospedaria dos Imigrantes. Em suas memórias, Lorenzoni (1975, p. 37) registra que esses italianos encorajavam os viajantes, destacando-lhes as vantagens do projeto colonial e recomendando paciência com eventuais dificuldades.

Grupo precoce

Havia, portanto, um grupo que pode ser chamado precoce, formado por indivíduos que ingressaram nas cidades antes de 1875; tal grupo seria engrossado e diversificado por italianos que chegaram em grandes contingentes no período correspondente à colonização ou à grande imigração, isto é, entre 1875 e 1914, quando iniciou a Primeira Guerra Mundial e o fluxo de imigração foi interrompido.

Na verdade, oriundos da Península Itálica estiveram desde sempre no sul do Brasil, mesmo antes que surgissem cidades. Participaram das campanhas de demarcação do território entre Espanha e Portugal; foram missionários também a serviço das duas coroas ibéricas. Na primeira metade do século XIX sua presença já não é novidade no sul e há evidências de muitos italianos que controlavam a navegação interna e eram membros fixos das tripulações dos barcos de cabotagem em toda a América do Sul.

A capital da antiga Província sempre foi o principal centro comercial, na confluência de cinco rios navegáveis que praticamente penetram em todo o território do Rio Grande do Sul. Porto Alegre exerceu atração para estrangeiros e com os italianos não seria diferente. A sua presença pouco a pouco vai aumentando nos livros paroquiais, em especial nos livros de batismo, permitindo concluir por uma efetiva permanência, visto que determinados casais batizaram vários filhos. Em meados do século XIX há grupo significativo vivendo na cidade; um movimento revolucionário republicano, a chamada “Revolução Farroupilha”, atraía muitos italianos para a região. Por volta de 1850 são comprovadamente 41 famílias radicadas na cidade, com características de grupo social, pois se entrelaçavam por compadrio (CONSTANTINO, 1988).

O grupo vai se ampliando e em 1877 está fundada a Società Vittorio Emanuele II, que permaneceu em atividade até a Segunda Guerra Mundial, quando foi fechada por ordem do governo brasileiro. Seus fundadores foram comerciantes, profissionais liberais, artífices, artesãos. Evidenciaram consciência de nacionalidade, cultuaram os heróis e os feitos do *ressurgimento*. Buscaram Garibaldi como presidente de honra da sociedade e, da Itália,

www.pucsp.br/revistacordis

respondeu o general, agradecendo e reafirmando sua admiração pelos gaúchos do Rio Grande do Sul.

Como outras agremiações do gênero, a Vittorio teve o primordial objetivo de promover solidariedade, reforçando traços culturais italianos. Isto só poderia ser feito, e o foi, através de símbolos retirados da nova pátria, como o culto ao rei Vittorio Emanuele ou ao General que participou ativamente das guerras de unificação. O nome de Garibaldi fora glorificado na Itália; seu papel em campanhas republicanas na América passa a ser sublinhado e, convenientemente, torna-se mais uma vez um herói de dois mundos.

Os membros da sociedade, em especial aqueles que exerciam a liderança, representaram a *Nuova Italia*. Dedicaram-se à organização de comemorações, empenharam-se na construção de uma imponente sede própria, motivo de orgulho e de prestígio.

A construção de uma identidade étnica, portanto, está relacionada à *Società* e assemelha-se a processos que se desenvolvem em outros países, com predominância de uma determinada forma de nacionalismo militar-patriótico e tendo em Garibaldi o personagem-símbolo favorito (CONSTANTINO; OSPITAL, 1999). Várias outras sociedades vão sendo fundadas, sempre apresentando as mesmas características. Algumas terão grande permanência, como é o caso da Umberto Primo, da Princesa Elena de Montenegro ou da Società Giuseppe Mazzini.

Grupo diversificado

No final do século XIX milhares de imigrantes haviam ingressado no Rio Grande do Sul, fazendo crescerem as cidades e ampliando de modo extraordinário o próprio grupo.

Frente à crescente complexidade do grupo italiano, tornou-se difícil aos tradicionais expoentes exercerem o controle. Politizados e operosos cidadãos, representados como modelos de sólidas virtudes, guardiães de uma Roma eterna, cuja segunda pátria era o Brasil, acabavam confusos com aqueles compatriotas que chegavam praticando dialetos, sem nada saberem de Roma, freqüentemente analfabetos e esfarrapados. Ademais, começa a ser expressivo o número de italianos recolhidos à Casa de Correção na década de 1880, quando ocupam o primeiro posto entre grupos estrangeiros na população carcerária da cidade.

Entre 1893 e 1895, a situação se complicaria ainda mais com a sangrenta Revolução Federalista que muito atrapalhava o projeto de construção de uma italianidade.

A guerra civil iniciou logo após a implantação do regime republicano e caracterizou-se pela atrocidade, com a prática indiscriminada da “degola”, acompanhada pela mutilação de cadáveres dos prisioneiros feitos por ambas as facções. De um lado estavam os republicanos

www.pucsp.br/revistacordis

de inspiração positivista, adeptos da ditadura fortemente centralizada; do outro lado estavam os “maragatos”, facção que agregava antigos monarquistas privados do poder e republicanos federalistas. Durante trinta e um meses a revolução provocou doze mil mortos. Consolidou o poder nas mãos do Partido Republicano Rio-Grandense, de inspiração positivista, cujos maiores líderes foram Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

Na “revolução” da degola

Ficara evidente que muitos italianos haviam feito oposição à facção liderada por Júlio de Castilhos, inclusive aderindo às hostes federalistas chefiadas por Silveira Martins e que acabaram derrotadas. Houve freqüentes tumultos nas cidades e na zona colonial, acompanhados de ações diplomáticas (CONSTANTINO, 1993). Os imigrantes italianos, durante o conflito, acabaram sendo identificados como “inimigos” dos republicanos vencedores. Isto porque, quando da invasão da vila colonial de Caxias, os federalistas ou “maragatos”, foram ajudados pelos tirolezes ali residentes. Houve incêndios, saques e muitas outras atrocidades, como também houve uma violenta reação da polícia que agrediu os colonos indistintamente (ADAMI, 1962, p. 375). Na verdade, antes que a revolução começasse, surgiram questões políticas envolvendo súditos italianos. Em 1892, o cônsul italiano em Porto Alegre escreve ao Ministro na Itália, solicitando urgentes medidas de proteção aos mesmos súditos. O Cav. Brichanteau narra o caso que envolvera a família de Antonio Purini, gravemente ferido por um militar que lhe assassinara o velho pai, de cujo cadáver arrancara uma orelha. Sublinha o cônsul a advertência do militar, quando se retirava do estabelecimento comercial dos Purini, isto é, proferira ameaça afirmando que análoga lição seria ministrada a outros italianos (ARCHIVIO STORICO MINISTERO..., busta 280).

O Cônsul notifica sobre inúmeros outros incidentes envolvendo súditos. Recorda de haver recomendado à “colônia” para que não tomasse parte nos conflitos políticos locais, sugestão que fora ignorada. Insurge-se contra a ação de jornal católico que “desde muito tempo freqüentemente inseria artigos desfavoráveis à Itália e às suas instituições. Em outubro de 1892 chamou Garibaldi de cão, sustentando que a Itália estava reduzida à uma espelunca de ladrões”. O Cônsul comunica que os ânimos encontram-se exaltados e que os súditos eram incitados por opositores do governo republicano recém empossado. No prosseguimento dos fatos, percebe-se um forte aumento de tensão, com declarada hostilidade de parte da “colônia” contra o governo do Partido Republicano.

O caso Rizzo é outro exemplo da difícil relação entre imigrantes e autoridades no período revolucionário. Giovanni Rizzo foi vítima de bárbaro assassinato; encontrou-se seu

www.pucsp.br/revistacordis

cadáver mutilado e o crime foi atribuído aos soldados do governo. Violentos protestos foram feitos por súditos italianos, em praça pública (ARCHIVIO STORICO MINISTERO..., busta 78 e 280).

Em fevereiro de 1893, os “maragatos” ou federalistas invadiram o Estado, declarando guerra ao presidente Júlio de Castilhos. No curso do mesmo ano, uma carta reservada da Legação Italiana exprime o desejo de restabelecer boas relações com o governo, para que seja possível dar prosseguimento à emigração (ARCHIVIO STORICO MINISTERO..., busta 282).

Mas os conflitos urbanos continuam, com forte componente étnico. Em setembro de 1895, o jornal católico em língua alemã *Volksblatt* está nas ruas, insultando a Itália na sua data nacional, como “país desprezível, decadente, torpe, miserável.” (CONSTANTINO; SIMÕES, 1996).

Os italianos são chamados “bandidos, homens sem moral, guiados por instintos vis”. Reunidos em comissão, alguns líderes da “colônia” organizam uma marcha pelo centro da cidade; o grupo vai aumentando paulatinamente e avança pelas ruas principais, com centenas de trabalhadores italianos, esfarrapados e descalços. Foram identificados dois estivadores, um tocador de violino, um calceteiro, alguns proprietários de bancas no mercado, além dos jornalistas Pelli e Arzani, do sapateiro Aita, dos comerciantes Mancuso e Provenzano. O grupo heterogêneo, com cerca de duzentas pessoas, que ao marchar gritava *morras* aos jesuítas e ao Papa. Alcançou e destruiu a sede da gráfica que estampava o jornal.

Abriu-se um processo judicial. Antigas testemunhas oculares foram mudando os depoimentos dados inicialmente à polícia; outras testemunhas surgiram para atestar que os acusados encontravam-se muito distantes da gráfica no momento em que a mesma fora empastelada. A ação foi considerada improcedente por falta de provas.

Nova imagem

A Revolução terminara e, em 1898, Júlio de Castilhos foi substituído por Borges de Medeiros que falou, ao tomar posse, deixando claras suas intenções sobre a imigração e emitindo parecer favorável aos italianos. No mesmo ano, recebendo o Embaixador Antonelli, o presidente discursou enfatizando o culto da lei e da ordem entre os imigrantes italianos, assim como o progresso que se verificava nas suas comunidades. Disse por fim que “a colônia italiana, durante a revolução, quando todas as regiões do Estado encontravam-se em agitação, se mantinha em paz, respeitando a lei, sem que jamais fosse interrompido o trabalho” (DE BONI, 1985).

www.pucsp.br/revistacordis

As antigas colônias do interior passaram a ser cuidadosamente protegidas e incentivadas pelo governo, enquanto implementava-se um acurado programa de nacionalização. Pretendeu-se neutralizar os chamados “quistos étnicos” e incentivar mudanças nas relações de produção, estimulando o crescimento de uma classe social intermediária, conforme o ideário positivista. O ingresso de italianos passou a caracterizar-se pela imigração espontânea em detrimento da subvencionada, segundo diretrizes que foram expressas nas “Teses Financeiras e Econômicas” do Partido Republicano Riograndense.

A reativação do projeto de colonização faz-se também sentir na cidade, onde a presença de imigrantes aumenta e diversifica progressivamente. Relatórios consulares como o de Pasquale Corte, em 1884, ou o do Cônsul De Velutiis, em 1908, fornecem informações sobre os súditos italianos em Porto Alegre, que perfaziam mais de 10% da população da cidade já na década de 1890. Os relatórios esclarecem ainda sobre o grande número de meridionais que ingressara no Estado, com predominância de calabreses da Província de Cosenza, em especial do município de Morano Calabro.

Desde que assumira o poder, Borges de Medeiros passara a usar como estratégia um elaborado e exaustivo discurso de valorização do imigrante italiano que, assim, acabou servindo como modelo de imigrante, capaz de fácil assimilação, ordeiro e trabalhador. Imigrantes italianos acabaram personalizando o lema positivista: Ordem e Progresso.

Para alcançar o almejado progresso, seria necessário valorizar cada vez mais o trabalho que, em decorrência do sistema escravista, era considerado tradicionalmente indigno. Dignificar o trabalho era portanto fundamental. O estímulo de Borges de Medeiros nunca falhou e coincidia com os valores dos imigrantes que, em geral, trabalhavam muito, poupavam e desejavam sobretudo inserir-se na sociedade rio-grandense.

Inúmeros autores destacam o modo como o imigrante conceituava o trabalho e o modo de pensar deste imigrante em geral atendia às expectativas dos governantes que continuam doutrinando sobre as vantagens do trabalho nas publicações de época, além de enfatizarem a necessidade de amor à pátria que acolheu este imigrante. As expressões “segunda pátria” e “pátria de adoção” permeiam o discurso dos governantes e passam a fazer parte do imaginário dos italianos e *oriúndi*.

A composição deste quadro agrada também na Itália, onde os interesses começam no desejo de expatriar e permanecem na satisfação de exportar sempre mais para as “colônias”. Tais interesses se intensificam quando as remessas dos imigrantes são depositadas em dinheiro nas agências de bancos peninsulares. Em troca e por indicação das autoridades consulares, o governo italiano distribui generosamente todas as espécies de comendas.

www.pucsp.br/revistacordis

Nas publicações de época, a tônica são os abastados senhores enriquecidos por “trabalho honesto e perseverante na pátria de adoção”.

O busto de Dante, como figura do calendário positivista, ornamenta a fachada da Biblioteca Pública do Estado, cujo prédio imponente foi inaugurado no início do século XX. Feliz coincidência, dado que se presumia que todos os italianos, inclusive imigrantes, falassem a “língua de Dante”. A língua italiana é insistentemente lembrada como unificadora da nação e “idioma de Dante” passa a ser expressão utilizada à larga. Escolas são fundadas e subvencionadas pelo governo italiano, que envia os professores.

Reforço do mito

Revitalizou-se o culto a Garibaldi, convenientemente herói dos dois mundos, inclusive do pequeno mundo dos gaúchos. Outra feliz coincidência é que o movimento regionalista desenvolvera-se no Estado e alcançava seu momento maior.

Ao tempo da Guerra do Paraguai, precisamente em 1868, um grupo de intelectuais fundara o “Partenon Literário”, agremiação que sublinhou a temática regional gaúcha. Iniciou-se a exaltação da temática gauchesca, teceu-se apologias às figuras heróicas, sobretudo aos ditos heróis da Revolução Farroupilha que, de movimento bárbaro e sedicioso, passou a ser narrado como gesta de heróis.

No início do século estava inaugurada a estátua de Garibaldi, na praça principal da Cidade Baixa, bairro por excelência dos italianos, que fizeram a doação do monumento, depois de grande campanha para obtenção de fundos. Em termos de outros países, a homenagem aconteceu tardiamente, mas verificou-se em momento mais do que oportuno. A representação de Garibaldi já não está sendo feita com o fardamento militar que envergou na campanha da Unificação. Garibaldi agora traja o poncho, vestimenta típica do gaúcho, que adotou como agasalho na velhice. O Cav. Calegari, primeiro fotógrafo da cidade, vendeu reproduções fotográficas coloridas que infalivelmente adornaram as paredes das salas dos italianos.

Ser italiano despertava boa vontade. Quando se fala em leis restritivas à imigração, reflexo do nacionalismo exacerbado que se desenvolveu no período da Primeira Guerra, conclui-se que também não foram especialmente duras para com os italianos que correspondiam ao discurso oficial, com paulatina assimilação. O Brasil já era a segunda pátria no Rio Grande do Sul, onde os italianos formavam o maior grupo de estrangeiros e cartas de chamada, tornadas obrigatórias, eram de muito tempo uma prática. Como elementos da

www.pucsp.br/revistacordis

pequena burguesia urbana, ocupavam mão-de-obra familiar, favorecendo o estabelecimento de parentes por conta própria, num mesmo ramo de atividade.

De outra parte, o trabalho de cooptação por parte do governo ia avançado e a participação de imigrantes na vida política já era uma realidade. A rede de escolas públicas, reorganizada pelos governantes de inspiração positivista, atendia as primeiras necessidades educacionais sem ônus para as famílias. Na década dos vinte, as escolas italianas estavam em vias de desaparecer. É bem verdade que, com a ascensão de Mussolini, houve esforço de reativação. Mas as escolas só eram prestigiadas pelos expoentes da “colônia”; a comunidade em geral, praticamente constituindo a pequena burguesia urbana, optava pela escola pública gratuita.

Mas é também verdade que a grande ofensiva fascista nas colônias do exterior fez com que houvesse um reforço na construção de uma nova identidade, utilizando símbolos extraídos da “nova pátria”, em seu modelo moderno, ordeiro e progressista. Tal construção acabaria abortada pela declaração brasileira de guerra ao Eixo.

Extintas as escolas e sociedades, proibido o uso público do “idioma de Dante”, os expoentes da colônia não conseguiam liderar construções de italianidade que impressionassem os representantes diplomáticos. Até porque as relações diplomáticas encontravam-se rompidas.

Não foi traumático, para a maioria dos imigrantes no Rio Grande do Sul, esquecer a pátria e cantar o hino brasileiro, conforme vários estudos atestam. A italianidade não era mais funcional; era até mesmo perigosa. Interrompia-se a construção de uma identidade nacional italiana.

Mas, no período imediato à guerra, a imigração meridional foi fortemente reativada em Porto Alegre e inicia-se um terceiro momento na história da imigração na cidade. Imigrantes calabreses enviam suas cartas de chamada, apoiando conterrâneos em difícil situação. Ao invés de italianidade, assistiu-se durante décadas um processo de construção de calabresidade, tendo como ponto de partida um *paese*, Morano Calabro, principal centro de emigração para Porto Alegre. Signos culturais enrijecidos foram pouco a pouco se exteriorizando, cultivados por imigrantes.

Diferenças culturais e etnicidade

Para a construção de uma identidade étnica, busca-se elementos na tradição. Dependendo de necessidades e objetivos, surgirá a escolha de traços culturais que servirão para estabelecer o perfil de determinado grupo.

www.pucsp.br/revistacordis

Entre os moraneses de Porto Alegre, os casamentos monogâmicos, que ainda são frequentes, além de constituírem diferença cultural, auxiliam na resistência à perda de valores e tradições. Religião, sendo a católica, por si só não representa diferença cultural. Mas há a questão de devoções específicas para distinguir determinadas comunidades. Observa-se a devoção especial a Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Morano. Novenas são organizadas, rezam-se missas festivas, realiza-se a *Serata Calabresa*, com comidas e danças típicas. Específicas devoções são preservadas, assim como laços familiares, fazendo com que se perpetuem nomes como Carmela, Carmine, Carmelina, Rocco, Nicola ou Maddalena, correspondentes às paróquias de Morano.

Também a culinária é diferencial. Preparam-se comidas como a *braciola* e o *capretto*, esmeram-se no *rascatelli*, elaborado manualmente com o auxílio do *ferruzzo*, hoje esquecido na Calábria.

O que se destaca é a exibição consciente destas peculiaridades, como sinal diferencial. Em Porto Alegre ouve-se o dialeto antigo, usam-se palavras que são resquícios de tempos anteriores à grande emigração, palavras que não são mais empregadas na região de origem.

O culto à cidade de Morano também pode ser apontado como signo. Na parede da sala de visitas ou do estabelecimento comercial, há uma infalível fotografia panorâmica da cidade.

À sombra de um dialeto e de um culto ao *paese*, moraneses procuram manter as estruturas tradicionais de parentesco, traduzidas em auxílio mútuo e em obrigações recíprocas. Têm consciência de que a solidariedade alcança benefícios, como a conquista de boa reputação e, em consequência, de espaços econômicos, como é o caso do comércio de carnes verdes ou de loterias.

Se a italianidade tornou-se impossível, a moranesidade pode substituí-la, sobretudo por seu caráter funcional. Sendo pequenos burgueses, os meridionais mantêm nas relações de trabalho um sistema informal com base na estrutura familiar. Pertencer ao grupo, além de garantir inserção do imigrante no mercado de trabalho, garante sua instalação na cidade e sua sobrevivência nos primeiros tempos. Ademais, é instrumento para confirmar lideranças e posicionar indivíduos num esquema de classificação social mais satisfatório do que aquele baseado em critérios de distribuição de renda. Cultivando valores e tradições do *paese* de origem, submetendo-se a determinadas regras de comportamento, os moraneses continuam refletindo a imagem do trabalhador estrangeiro, esforçado e honesto, imagem construída pelos imigrantes que o antecederam.

Admitindo-se que há desejo primordial na manutenção da identidade, decorrente da necessidade que tem um imigrante de pertencer ao seu grupo por razões psicológicas,

www.pucsp.br/revistacordis

sublinha-se que, no caso dos moraneses, trata-se de uma etnicidade também instrumental. Evocam os sinos da aldeia para sobreviverem na cidade.

Finalizando, assinala-se que, no presente, assiste-se a movimento que reforça a italianidade, de certo modo auxiliada pela política italiana, com a criação dos Comites e com intensificação de ações no plano cultural. Milhares de *oriundi* requerem o passaporte italiano, que lhes dá outro *status* como turista.

Por outro lado, o Brasil transformou-se em país de emigração. Como no passado, não são os mais pobres que emigram espontaneamente, mas razoáveis contingentes de pessoas posicionadas nas camadas sociais intermediárias, buscando oportunidade na Itália dos bisavós.

São estes nossos emigrantes, em grande parte descendentes de italianos, que batem tambores na *piazza*, dançam sambas na *viale*, preparam feijoada ou churrasco. Como fizeram seus avós, reconstroem uma identidade no país de adoção, utilizando aspectos culturais enrijecidos. Afinal, são poucos os brasileiros capazes de dançar samba, jogar futebol, e muito menos aqueles capazes de lutar capoeira ou de tocar berimbau, especialmente sendo gaúchos.

Referências

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: São Miguel, 1962.
- ARCHIVIO STORICO MINISTERO Affari Esteri. Roma. Serie Politica P, Brasile (1881-1920), pacco 279, busta 280.
- _____. Roma. Serie Z, Brasile (1892-1919) busta 78; Serie Politica P (1891-1916), busta 280.
- _____. Roma. Serie Politica P, Archivio Riservato di Gabinetto, busta 282.
- BARTH, Fredrik. *Los grupos étnicos e sus fronteras*. México: FCE, 1976.
- BERTONHA, José Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- CERVO, Amaro Luiz. As relações diplomáticas entre Brasil e Itália desde 1861. In: DE BONI, Luís A. (Org). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre/Turim: EST/ Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Globo, 1925.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A presença italiana no Uruguay e os italianos de Porto Alegre. *Hoy es Historia*, Montevideu, v. 29, 1988.

www.pucsp.br/revistacordis

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Emigranti e Guerra Civile nel Brasile di fine ottocento. *Daedalus*, Castrovillari (Itália), 10, 1993.

_____; SIMÕES, Rodrigo Lemos. Diversidade e tensões: Porto Alegre no final do século XIX. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXII, 1996.

_____; OSPITAL, Maria Silvia. Construção de identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920), *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXV, 2, 1999.

CONZEN, Kathlen Neils et. al. The invention of ethnicity: una lettura Americana. *Altreitalia*. Turim, Fondazione Giovanni Agnelli, ano II, n. 3, abr. 1990.

DE BONI, Luís A.; COSTA, Rovilio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/Universidade de Caxias do Sul, 1984.

_____. *A Itália e o Rio Grande do Sul*. Relatórios de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1985.

GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

SEINTENFUS, Ricardo Antonio Silva. As relações entre Itália e Brasil no período 1918-1939. In: DE BONI, Luís A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre/Turim: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

* Núncia Santoro de Constantino é doutora em História pela USP e realizou programa de pós-doutorado junto à Università degli Studi di Torino, na Itália. Desempenha atividades docentes no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-RS, orientando mestrados e doutorandos em torno da temática da imigração e urbanização. É bolsista CNPq de Produtividade em pesquisa. E-mail: <nunziata@puccrs.br>.